



A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

FORMANDO ROBÔS OU EDUCANDO PARA A VIDA? O QUE ESTÁ EM JOGO É O FUTURO DAS CRIANÇAS E DA NAÇÃO

TRAINING ROBOTS OR EDUCATION FOR LIFE? WHAT IS AT STAKE IS THE FUTURE OF THE CHILDREN AND THE NATION

¿ROBOTS DE ENTRENAMIENTO O EDUCACIÓN PARA LA VIDA? LO QUE ESTÁ EN JUEGO ES EL FUTURO DE LA NIÑEZ Y LA NACIÓN

Cléa Gomes Santiago²⁵ Daniel dos Santos Carneiro²⁶

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo problematizar acerca da forma como vem sendo pensada e colocada em prática a educação básica tanto na perspectiva familiar como no ensino escolar. Para a produção da referida proposta, tomou-se por base as obras de Paulo Freire (1996), Augusto Cury (2003), Içami Tiba (2002), Oliveira (2010), "Pinóquio às Avessas" de Rubens Alves (2010), educação e emancipação: Justiça social e Cognitiva" de Débora Ribeiro e "Fronteiras da Educação: Desigualdades Tecnológicas e Políticas," organizado por Adão F. Oliveira. No decorrer do ensaio é apresentado as necessidades e possibilidades para se estabelecer diálogos entre família e comunidade escolar afim de reduzir as diferenças existes entre o educar em casa e educar no espaço escolar.

Palavras-Chaves: Educação. Reflexão. Diálogos. Formação Humana.

ABSTRACT

This essay aims to problematize the way in which basic education has been thought and put into practice both in the family perspective and in school teaching. For the production of this proposal, the works of Paulo Freire (1996), Augusto Cury (2003), Içami Tiba (2002), Oliveira (2010), "Pinóquio à Avessas" by Rubens Alves (2010), Education and Emancipation: Social and Cognitive Justice" by Débora Ribeiro and "Frontiers of Education: Technological and Political Inequalities," organized by Adão F. Oliveira. During the essay, the needs and possibilities to establish dialogues between the family and the school community are presented in order to reduce the differences between educating at home and educating in the school space.

Keywords: Education. Reflection. Dialogues. Human Formation.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo problematizar la forma en que la educación básica ha sido pensada y puesta en práctica tanto en la perspectiva familiar como en la enseñanza escolar. Para la producción de esta propuesta se utilizaron las obras de "Paulo Freire", "Augusto Cury", "Içami Tiba", "Pinóquio à Avessas" de Rubens Alves, educación y emancipación: Justicia Social y Cognitiva" de Débora Ribeiro y "Fronteras de Educación: Desigualdades Tecnológicas y Políticas", organizado por Adão F. Oliveira. Durante el ensayo se presentan las necesidades y posibilidades de establecer diálogos entre la familia y la comunidad escolar para reducir las diferencias entre educar en casa y educar en el espacio escolar.

Palabras llave: Educación. Reflexión. Diálogos. Formación Humana.

²⁵Cléa Gomes Santiago. Professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental da rede pública municipal Garruchos-RS. E-mail: cleasantiago9@gmail.com.

²⁶**Daniel dos Santos Carneiro.** Orientador- Bacharel em Administração Pública e Mestre em Humanidades (UNILAB), licenciado em História (UVA) e Pedagogia (UNIFAEL). Doutorando em Mudança Social e participação política pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades –EACH da Universidade de São Paulo-USP. Tutor educacional-UDESC. *E-mail:* dansantoscarneiro@usp.br.





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

INTRODUÇÃO

Diante das inúmeras demandas da atualidade no que diz respeito ao consumo, formação educacional, mecanização das pessoas, movimento das redes sociais e conflitos nos processos de ensino aprendizagem, que só fez crescer desde o século XIX quando a Instituição Escolar surge como aparato de adestramento humano ideológico e formadora de mão de obra ao mundo industrializado em ascensão, faz-se necessário pensar em formas de otimizar a educação afim de esta leve à emancipação, autonomia, reflexão e a sociabilidade. E que não seja um mero exercício de letramento e robotização. Nesta perspectiva, faz-se necessário pensar em uma educação mais articulada e ampla, de forma que alcance também àquelas cujas vozes foram abafadas e excluídas. Que oportunidades de conversação para a construção de um novo mundo mais participativo e para todos, parta da instituição escola e caminhe entre pais e comunidade escolar, afim de que sejam realizadas reflexões acerca da educação escolar e no espaço familiar, bem como o que pode ser aperfeiçoado afim de que os processos de ensino e aprendizagem conduzam os alunos à humanização e autonomia.

A partir da contextualização apresentada, este estudo tem por objetivo problematizar acerca da forma como vem sendo pensada e colocada em prática a educação básica tanto na perspectiva familiar como no ensino escolar. Para a produção optou-se por conduzir a produção do estudo na perspectiva bibliográfica a partir das obras de Paulo Freire (1996), Augusto Cury (2003), Içami Tiba (2002), Oliveira (2010), "Pinóquio às Avessas" de Rubens Alves (2010), educação e emancipação: Justiça social e Cognitiva" de Débora Ribeiro e "Fronteiras da Educação: Desigualdades Tecnológicas e Políticas," organizado por Adão F. Oliveira. A discussão está centrada no tópico "Educação e robotização" onde é estabelecido uma discussão reflexiva sobre a condução da educação, a importância da reflexão acerca dos processos metodológicos e demandas sociais, onde também é destacado as necessidades e possibilidades para se estabelecer diálogos entre família e comunidade escolar afim de reduzir as diferenças existes entre o educar em casa e educar no espaço escolar. Nas considerações finais é apresentado dentre outros pontos que não há de fato uma receita para ser aplicada nas questões que envolvem educação, pensamento crítico e demanda social. O equilíbrio estaria justamente nos processos reflexivos acerca das metodologias empregadas de forma a transformar números e dados em mudança educacional para a reflexão também dos alunos diante dos problemas sociais.





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

EDUCAÇÃO OU ROBOTIZAÇÃO?

Gostaria de iniciar esse tópico com alguns questionamentos: para que colocamos filhos no mundo? Planejado ou não, teremos as consequências dessa escolha. Estamos vivenciando uma nova ordem mundial, embora sabemos que a substituição do trabalho humano por máquinas seja uma realidade crescente no mundo na atualidade, que se mostra cada vez mais competitiva, exigindo pessoas cada vez mais preparadas para o mercado de trabalho, uma ordem complexa que precisa ser repensada educacionalmente, porque o ser humano também é um ser complexo, inacabado e resultado de sua genética e do meio onde vive.

Contudo, se temos um sistema que quer nos robotizar como instrumento produtivo e rentável para ele, é certo que não somos máquinas. Sendo seres dotados de razão e emoção, cabe a nós repensar e preparar o terreno para trabalhar em nossas crianças a humanidade inata de cada ser. Sem isso, estaremos depositando no mundo seres infelizes e alienados! Mas como encontrar o equilíbrio para bem formar nossos filhos e alunos, já que também carregamos nossas lacunas emocionais, frente a realidade caótica e desigual? As misérias humanas gritam e saltam aos olhos! Enquanto para muitos faltam a comida, a moradia, e outros básicos de sobrevivência, para tantos outros soma-se à falta de diálogo, compreensão e direcionamento.

É importante abordar que a Escola que conhecemos atualmente, como espaço de ensino para todos os grupos sociais e garantida pelo Estado, e que existe em todos os países do mundo, possui em torno de um século e meio, segundo Oliveira (2010, p.97):

É uma experiência educacional do final do século XIX, momento em que as relações capitalistas de produção, amadurecidas pelo ritmo da industrialização (mecanização da produção) e visando a mais-valia, demandavam, por um lado, conhecimento técnico padronizado da mão-de-obra e, por outro, controle ideológico das massas de trabalhadores.

Dessa forma, nasce a Escola moderna, contraditória desde o seu surgimento, ao mesmo tempo em que se faz espaço de superação, de criação, também é um espaço de reprodução e controle ideológico. Considerando que nesses últimos cento e cinquenta anos a humanidade passou pela mais profunda transformação desde o seu surgimento nesse Planeta e a revolução tecnológica veio exigindo cada vez mais novos saberes, que atendessem as mudanças rápidas que se davam desde a Revolução Industrial à automação de produção (microeletrônica e na informática), conforme afirma Oliveira, 2010, p.97,98) "conformando o mundo dos meios de transporte velozes, da telemática, da conquista do espaço sideral, dos satélites artificiais, da teleconferência, da financeirização das relações econômicas (venda de dinheiro pelos bancos), da urbanização, etc." Inegavelmente, foram transformações que representaram um enorme





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

avanço da humanidade no controle e na previsão da natureza, servindo para unificar o mundo na dinâmica produtiva do capitalismo, aumentando a degradação ambiental e as desigualdades sociais.

As características dessa nova ordem, abordadas aqui, no leva a refletir sobre o papel "robotizador" do ser humano, assumido pela Escola, o reduzindo a coisa, a instrumento de mão de obra a serviço de um sistema excludente e degradante. Muitas discussões na área educacional são abordadas sobre o papel histórico da educação escolar, que meramente reproduz saberes acumulados, ao longo do tempo, de forma mecânica e sistemática, sem a participação ativa e crítica dos envolvidos no processo educativo, que poderia os levar a emancipação social, à consciência de seus deveres e direitos como seres pertencentes a um mundo de trabalho sim, mas também de lazer, descanso, crescimento intelectual de seus valores e habilidades e, paulatinamente, os afastarem da perspectiva de dominação de uns sobre os outros.

Ribeiro (2020) defende uma educação emancipatória de sociabilidade, em que outros mundos, que já existem, sejam possíveis, todos juntos: indígenas, quilombolas, povos da floresta, campesinos e outros. Segundo o mesmo autor:

Uma educação implicada nesse tipo de emancipação não tem sua máxima importância na transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, os considerados clássicos ou de nível superior com relação aos demais. Implica-se com a transmissão dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos ocidentais, mas devido à sua relação intrínseca com a justiça cognitiva, já que emancipação nesse sentido significa justiça social, e a justiça social está atrelada à justiça cognitiva. (2020, p. 148)

As justiças citadas, contribuem para recuperar e valorizar os conhecimentos dos grupos sociais menosprezados. Somente dessa maneira haverá emancipação, visto que a Escola tem excluído as vozes e experiências desses grupos e sem essa retomada não se pode pensar e falar na construção de algo novo partindo do que já existe. Vale ressaltar que "a prática pedagógica consiste na materialidade de todo projeto educativo, permite à escola cumprir seu papel na formação humana e pressupõe pensar o professor na sua função de ensinar." (RIBEIRO,2020, p.147).

Mas como construir algo novo partindo do que já existe? Mesmo com tantas mudanças e transformações na sociedade, a Escola parece parada no tempo, isso se deve a sua estrutura arcaica. Ela deve mudar ou continuar como está? Quando ao pensar na função social da escola, se considera que seja formar um modelo humano que atenda aos interesses do capital globalizado, logo a prática pedagógica pode ser conservadora e centrada na função do professor

PLUS FRJ





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

como mero transmissor de conhecimento, que seja neutro e objetivo, separado de toda vida dentro ou fora da escola.

Porém, se o entendimento for de que a função da escola vai além, que é possível se fazer algo distinto, então, é bom preparar-se para um trabalho de apostas, Ribeiro (2020, p.149) "porque não sabemos se outro mundo é possível e como será a vida nele." As apostas, afirma, Sousa Santos (2010), apud RIBEIRO, 2020, p.149) "requer o resgate das vozes silenciadas e oprimidas pela narrativa eurocêntrica da história e do conhecimento, colocando diferentes formas de conhecimento em equidade de diálogo, numa ecologia de saberes."

Dessa forma estaremos a caminho de um mundo mais justo, igual e humano na busca do alcance efetivo por tudo o que é humanamente pensado e criado para melhorar a qualidade de vida humana, que deve não só alcançar a todos, mas que seja explorado de forma sustentável, visto que devemos nos olharmos como seres partes de um todo da natureza e que o seu desiquilíbrio também recai sobre a humanidade.

Elevar a construção desse novo mundo não é tarefa fácil, pois implica ofender um sistema consolidado pelo capitalismo que prima pelo individualismo e pela exploração do homem pelo homem, obrigando-lhe a fabricar e consumir, e assim, sustentando a riqueza de uma parcela mínima da humanidade em detrimento das misérias de milhões de pessoas.

O individualismo incentivado por esse sistema corrobora à solidão, alienação, pessimismo e a depressão. enfim, a falta de perspectiva leva a ausência de um futuro melhor. exime as pessoas do direito ao sonho porque não há espaço para ideais, visto que a necessidade criada é unilateral, a da mão de obra para sustentar o sistema vigente, mesmo que isso custe vidas robotizadas raivosas, frustradas e tristes. Não é em vão que se percebe a indústria de barbitúricos, antidepressivos e ansiolíticos crescer no mundo todo. É o resultado dos tempos modernos, de uma vida vazia a lotar consultórios psiquiátricos! Num mundo onde a maioria, se quer tem acesso ao básico para forrar o estômago com dignidade.

A mudança que sonhamos para a humanidade requer uma mudança de pensamento individual e coletivo, construído pela educação e essa acontece além do ambiente escolar, está em tudo que se aprende socialmente: na família, na igreja, no trabalho, na rua, etc. Mas como mudar o pensamento de uma realidade que fere e excluí e, assim mesmo, é tida como natural?

Cury brilhantemente afirma: "não mudamos ninguém mas podemos usar ferramentas para que eles mesmos se reciclem, reescrevam sua história e dirijam o seu próprio script" (CURY,2017, p.06). O mesmo autor nos coloca que, "o que somos capazes na verdade é de piorar os outros, quando levantamos o tom de voz, criticamos em excesso, pressionamos e comparamos," "Toda comparação é odiosa" (ditado popular português). O autor também alerta,

PLUS FRJ





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

professores e pais, que educar não se trata de modificar a mente dos educandos, mas conduzilos a pensar antes de agir, desenvolver a consciência crítica e não adestrar o cérebro. Conduzilos à autonomia e não cobrar demais. Estimular a trabalhar perdas e frustrações sem superproteção, levá-los a ter autocontrole, a pôr - se no lugar do outro, sem broncas ou punições.

Segundo o site Revista da Mulher de outubro de 2015, temos uma geração triste como nunca antes: "dados do Mapa da Violência, divulgados pelo Ministério da Saúde em 2014, mostram que de 2002 a 2012, houve um crescimento de 40% da taxa de suicídio entre crianças e pré-adolescentes com idade entre 10 e 14 anos."

Nossos jovens não são preparados para a resiliência, a empatia e a lidar com suas frustrações. A escola reproduz muitas informações e conhecimentos, mas não está ajudando o aluno a pensar. Paralelo a isso temos a mídia com estímulos rápidos e prontos que também aliena o pensamento. "Os jovens são preparados para lidar com decepções? Não! Eles são treinados apenas para o sucesso. Viver sem problemas é impossível. O sofrimento nos constrói ou nos destrói. Devemos usar o conhecimento para construir a sabedoria. Mas quem se importa com a sabedoria na era da informática?" (CURY, 2003, p.13).

O que falta é a educação das emoções e sentimentos. Estimular, em nossas crianças e jovens, os desenvolvimentos mais importantes da inteligência, como comtemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos e sentimentos, somente assim estaremos ajudando-os a formar sua personalidade e não apenas os informando.

Além disso, não se pode eximir a responsabilidade dos pais frente ao que se considera como geração emocionalmente fraca. "os pais quiseram as poupar dos trabalhos que passaram na vida. Não queríamos que eles andassem na chuva, se machucassem nas ruas, se ferissem com os brinquedos caseiros e vivessem as dificuldades pelas quais passamos." (CURY, 2003, p.11)

O autor também ressalta que as intenções foram as melhores, mas privaram seus filhos de terem infância, correr riscos, frustra-se, brincar e ter encantamento com a vida. E isso trouxe várias consequências negativas no campo emocional de crianças e adolescentes.

Outro pensador que vem ao encontro deste assunto é Içami Tiba, que diz: "Com amor os filhos podem ser bem-criados, ou melhor, eles se criam, se os pais não atrapalharem. No amor um filho se cria sozinho, mas por mais que seja amado ele não se educa sozinho." (TIBA, 2002, p.10).

Parafraseando Cury, a educação acontece por meio da orientação dos pais e responsáveis. Crianças e jovens precisam ter as próprias experiências positivas e negativas para que possam desenvolver suas personalidades de forma saudável, precisam do elogio, do





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

incentivo para que tenham autoestima. Mas, precisam frustrar -se para aprenderem a pôr - se no lugar do outro, a ter empatia e exercitar a resiliência, ou seja, precisam ser protagonistas do próprio saber.

Quando os pais quiseram poupar seus filhos dos trabalhos que tiveram na infância, e por amor a eles, procuraram atender às suas necessidades, muitas vezes exagerando nos elogios, não cobrando ajuda nos afazeres em casa, pois se assim fosse, aprenderiam a organização, a cooperação. E quando na escola resolveram/ e ou resolvem, os problemas dos filhos, fizeram/e ou fazem dessa superproteção um empecilho que impediu/ou impede o crescimento dos mesmos, pelo fato que eles precisam enfrentar e aprender a resolver os seus próprios conflitos que são acontecimentos naturais em nossas vidas. O resultado dessa intromissão, que corta etapas, será de pessoas que não aguentam serem contrariadas, vazias, depressiva, frustradas e inseguras.

Logo nas primeiras páginas de seu livro "Quem Ama Educa", Içami Tiba conta que em suas palestras, sempre ouvira dos pais que criança não vem com manual, então ele respondia que a criança era o próprio manual. Percebe-se aqui a importância de pais também compreenderem o básico do que se pode esperar de uma criança em cada fase do desenvolvimento e desta forma ajudá-la, responsavelmente, para que tenha um desenvolvimento saudável, pois, "como prática estritamente humana jamais (...) poderá ser uma experiência fria, sem alma, em que os quatro sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista". (FREIRE, 1996. p. 146).

Acreditamos que a escola pode e deve promover encontros para esse tipo de diálogo, onde haja troca de experiências pessoais e profissionais acerca dos comportamentos infantis observados em casa e em sala de aula, bem como as respostas dos adultos, como é ou deveria ser, ao mesmo tempo que se traz a trajetórias de pensadores e estudiosos do desenvolvimento humano para análise. Essas conversas ajudarão respectivamente os pais e professores na compreensão de filhos e alunos para que, a partir daí, possa-se criar e desenvolver projetos e ações que melhorem as práticas educativas em prol da formação do indivíduo, considerando que os professores, segundo Paulo Freire, também são seres inacabados e se constituem a partir do outro, assim o diálogo sobre a infância, se torna uma ferramenta indispensável para que possamos compreender a educação.

Outra consideração importante vem de Rubens Alves, o qual alerta que a criança não é um adulto em miniatura, está em formação, pensa, sente, tem opinião e precisa ser levado em conta pelos adultos responsáveis por ela, mesmo nos tempos em que vivemos onde os pais saem





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

para trabalhar, precisam arrumar tempo para estar e escutar suas crianças, se têm a pretensão em criar filhos para um futuro de independência e feliz.

A escola em seu papel relevante de formação, deve ser um espaço para a construção humana, onde a criança exercite sua criatividade e real essência, formando valores e construindo conhecimentos, pois, o aprendiz possui motivação intrínseca que o leva a descobrir, com o auxílio do educador, seus próprios caminhos de aprendizagem, porém, segundo Mogilca, "Este impulso natural da criança frequentemente é desprezado pelos métodos convencionais, baseados no conceito de transmissão do conhecimento, porque eles estão centrados em currículos e objetivos muito rígidos." (MOGILCA, 2002, p.3)

E o que vemos é a triste realidade ilustrada por Cury (2003, p.13), que diz:

professores e alunos vivem durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros. Eles se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos computadores. A culpa é dos ilustres professores?!A culpa é do sistema educacional doentio que se arrasta por séculos.

Para ilustrar as citações acima, trazemos à luz rapidamente a história de Felipe, personagem principal da obra 'Pinóquio às avessas, o deixar de ser criança para ser boneco", de Rubem Alves. A história relata que o menino com seis anos, perto de entrar para escola, escuta do pai, antes de dormir, a história de Pinóquio. O pai ressalta que quem não vai a escola fica burro". O tempo passa e Felipe é matriculado em uma escola cara, pois seu pai queria vêlo formado doutor. Como bem queria o pai, a escola prioriza conhecimento acadêmico. Porém, o menino possuía genuíno interesse por pássaros e sabia tudo sobre. Nas provas suas notas eram ruins pois não havia interesse nas disciplinas. O pai além de decepcionado com o baixo desempenho do filho, escuta de uma profissional da saúde após ser encaminhado pela professora, que o menino possui déficit de atenção e precisa tomar remédio para prestar atenção à professora e aprender. Felipe então, percebe a inutilidade do assunto pássaros e o quanto estava decepcionando seus pais, assim, passa a prestar atenção às aulas, cresce e torna-se um grande empresário do ramo aviário e ganha muito dinheiro, mas era profundamente infeliz. Sem dar o término à história, refletimos: Quantas vezes projetamos nossos sonhos não realizados em nossos filhos? Quanto a escola não estará anulando o educando, como ser humano, quando ignora seus reais interesses e habilidades em detrimento a um padrão rígido imposto pelo sistema do que dever ser ou não ensinado?

Até quando a escola assumirá o papel de máquina de padronização, onde os desejos pessoais, os interesses e as curiosidades precisariam dar lugar ao currículo já pronto e previamente organizado, sem considerar o histórico e o conhecimento prévio de nossos alunos?





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

Quais são os impactos desse processo para a construção da subjetividade e do verdadeiro eu dos sujeitos?

São questionamentos importantes que reiteram a necessidade de promover-se em conjunto, professores e pais. Encontros para melhorar nossas práticas em sermos melhores educadores. Sabemos que não é uma tarefa simples, nem fácil. São tantas dúvidas do certo e do errado, quando a busca é o equilíbrio no enfrentamento do dia a dia. Sendo assim, talvez, o maior desafio das escolas atualmente, seja o de oportunizar dentro de sua prática e estrutura pedagógica, condições para que os educandos sejam eles mesmos. Sendo acolhedora, considera a história do indivíduo, os seus interesses e tudo que traz de conhecimento prévio. Nossas crianças não são folhas em branco que precisam ser preenchidas. O processo de formação é um conjunto de fatores, como bem pontua Winnicott: "Assim entendemos que quando não se permite que o sujeito seja ele mesmo e desenvolva o seu self verdadeiro, pode ser uma experiência catastrófica que produzirá resultados devastadores sobre toda a existência de um indivíduo." (WINNICOTT,1956, APUD MOGLIA, p.10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste ensaio apresentado, conclui-se que não existe de fato uma receita pronta para orientar professores e pais nos processos que conduzam para uma educação transformadora, articulada com vistas a romper com a mecanização e sim, processos de articulação com a finalidade de se humanizar a educação. Seja em casa, na rua, na igreja, seja no espaço escolar. Portanto, faz-se necessário pensar as crianças e jovens como seres em construção, mas que antes do futuro, elas são o que estão vivendo no presente. Claro que precisam de limites. Mas também, de liberdade para que tenham suas próprias experiências de alegrias e frustrações, para que fortaleçam suas emoções, caráter e autoestima, construam a si mesmas compreendendo que a vida em coletividade e respeito a natureza e as diferenças humanas pode ser o caminho para o desenvolvimento de múltiplas possibilidades de um mundo socialmente saudável e sustentável e consequentemente mais humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. (2010). **Pinóquio às avessas**. São Paulo: Versus. Ilustrações de Maurício de Sousa.





A Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde ISSN - 2525-4014

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. A educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

CURY, Augusto. 20 Regras de Ouro para Educar Filhos e Alunos, como formar mentes brilhantes na era da ansiedade. 1ºed. São Paulo. Gente. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**; Saberes necessários à prática educativa. Edic. 25^a.São Paulo. Paz e Terra,1996.

MOGILCA, Mauricio. **Ensinar e Educar**: processos diferentes, mas não antagônicos. Rio de Janeiro, ano3, n°5, jan/jun/2002.

OLIVEIRA, Adão F. de, Alex Pizzio e Jorge França (organizadores), Texto publicado no livro:" **Fronteiras da Educação**: Desigualdade, Tecnologia e Políticas." Goiás. PUC, Páginas: 93-99,2010.

RIBEIRO, Débora. **Educação e Emancipação:** justiça social e cognitiva. São Luís. Revista Educação e Emancipação, V.13, n.1, jan./abr.2020.

TIBA, Içami. Quem Ama Educa. São Paulo.Gente,2002.

FONTES CONSULTADAS ONLINE:

Revista Mulher.

Disponível em: https://www.arevistadamulher.com.br/faq/22823-nunca-houve-uma-geracao-de-criancas-tao-triste-como-a-atual